

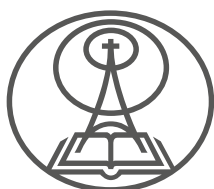
DANIEL R. MITCHELL

EDITADO POR
MAL COUCH & ED HINDSON

2 CORÍNTIOS



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

DANIEL R. MITCHELL

2 CORÍNTIOS

TRADUÇÃO
CLAUDIA KRIGER

1ª EDIÇÃO
2022



chamada

The Book of Second Corinthians: Grace Under Siege

Copyright © 2008 by Scofield Ministries

Published by AMG Publishers

6815 Shallowford Road

Chattanooga, TN 37421

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Julho/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Claudia Kriger*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br
Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARA foram extraídas da Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Versão Revista e Atualizada®, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARC foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), copyright © 2009 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

-
- M681 Mitchell, Daniel R.
2Coríntios / Daniel R. Mitchell ; tradução Claudia Kriger. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2022.
416 p. ; 21 cm.
Título original: The Book of Second Corinthians: Grace Under Siege.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-89505-21-1
1. Bíblia. N.T. Coríntios, 2 – Comentários. 2. Bíblia. N.T. Coríntios – Compêndios.
3. Bíblia – Estudo e ensino. I. Kriger, Claudia. II. Título.

CDD22: 227.207

*Ao meu pai, Burton C. Mitchell,
notável professor de Bíblia, cujo amor pela
Palavra de Deus só era superado
por seu amor ao Deus da Palavra.*

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução.....	13

Parte I: Defesa pessoal

1. Saudações de Paulo e Timóteo (1.1-2).....	35
2. Consolo no conflito (1.3-11).....	47
3. Respondendo às críticas (1.12-2.4)	63
4. Restaurando um irmão (2.5-13).....	89
5. O aroma da vitória (2.14-17).....	103
6. Ministros da nova aliança (3.1-18)	119
7. Tesouros em vasos de barro (4.1-15).....	141
8. Andamos por fé, não pelo que vemos (4.16-5.10)	167
9. A nova criação (5.11-6.10)	187
10. Aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor (6.11-7.1)	217
11. Arrependimento sem pesar (7.2-16).....	229

Parte II: Necessidades práticas

12. Estamos juntos nisso (8.1-15).....	247
13. Busquem o reino em primeiro lugar (8.16-9.15).....	271

Parte III: Autoridade exige respeito

14. As armas da nossa luta (10.1-18).....	293
15. Conversa de louco (11.1-15).....	317
16. Fingindo ser louco por amor a Cristo (11.16-12.21)	339
17. Provem a si mesmos (13.1-10)	377

18. Paz, o presente do amor de Deus (**13.11-13**) 387

Bibliografia 397

Índice de textos bíblicos 399

PREFÁCIO

O Novo Testamento tem guiado a igreja cristã há quase dois mil anos. Ele é composto por 27 livros, escritos por homens de Deus por meio da inspiração do Espírito Santo. Ele nos fala a respeito da vida de Jesus Cristo, da sua morte expiatória por nossos pecados, da sua ressurreição milagrosa, de sua ascensão ao céu e da promessa de sua segunda vinda. Também relata a história do nascimento e do crescimento da igreja e das pessoas e princípios que a moldaram nesses dias iniciais. O Novo Testamento se encerra com o livro de Apocalipse, que aponta para o futuro, para o glorioso retorno de Jesus Cristo.

Sem o Novo Testamento, a mensagem da Bíblia estaria incompleta. O Antigo Testamento enfatiza a promessa da vinda de um Messias. Ele aponta constantemente para aquele que vem para ser rei de Israel e salvador do mundo. Mas o Antigo Testamento termina antes que esse acontecimento se cumpra. Todas as suas cerimônias, imagens, tipos e profecias ficam pendentes, à espera da chegada do “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29).

A mensagem do Novo Testamento representa a verdade atemporal de Deus. À medida que cada geração busca aplicar essa verdade a seu contexto específico, é preciso que sejam escritos comentários atualizados para cada uma. Esse é o objetivo deste comentário de 2Coríntios, originariamente publicado na *Twenty-First Century Biblical Commentary Series* [Série de comentários bíblicos do século XXI]. Os editores da série e o autor do presente comentá-

rio são conservadores, evangélicos e dispensacionalistas, e estão convencidos de que o Antigo e o Novo Testamentos apresentam uma estrutura dispensacionalista da história bíblica. Eles também têm uma visão pré-tribulacionista e pré-milenarista da profecia bíblica.

O estudioso francês René Pache lembra a cada uma das diferentes gerações: “Para que o poder do Espírito Santo se manifeste novamente entre nós, é primordial que sua mensagem recupere o seu lugar de direito. Então, seremos capazes de colocar o Inimigo em fuga pela espada do Espírito, que é a Palavra de Deus”.

Há muito já se observou que 2Coríntios é a mais pessoal e apaixonada carta de Paulo. Erasmo a compara a um rio cuja corrente às vezes flui como um regato tranquilo e, em outras partes, se avoluma a ponto de a torrente levar tudo o que está em seu caminho. Charles Hodge disse: “Essa é a mais interessante das cartas de Paulo, pois traz à tona o homem perante o leitor e revela a intimidade do seu relacionamento com as pessoas para quem ele escreveu”. Philip E. Hughes acrescenta: “Indubitavelmente, de todas as cartas do Novo Testamento, nenhuma outra é, em estilo e temperamento, mais característica do grande apóstolo”.

F. F. Bruce observou: “Essa carta, mais do que qualquer outra, apresenta problemas para aqueles que tentam reconstruir uma sequência de eventos ou circunstâncias aos quais o apóstolo alude de vez em quando”. Em nenhuma das outras cartas de Paulo encontramos tanta informação autobiográfica relacionada a pessoas, eventos, problemas e situações da vida e ao ministério do apóstolo. E, de fato,

são esses detalhes específicos que nos bradam sobre a autenticidade dessa poderosa carta, que expressa tanto o amor sincero como as preocupações intensas de Paulo com a igreja coríntia e, sem dúvida, também com a igreja contemporânea.

Mal Couch e Ed Hindson

INTRODUÇÃO

Pano de fundo

A preparação e a preocupação com respeito à terceira visita de Paulo à cidade de Corinto ocasionaram a escrita da carta neotestamentária conhecida como 2Coríntios. Ela bem pode ser a quarta correspondência escrita que ele enviou a essa cidade.¹ Aparentemente, uma “outra carta” foi escrita antes de 1Coríntios, e, mais tarde, uma “carta” severa foi escrita entre 1Coríntios e 2Coríntios. Esse livro, a segunda epístola canônica, possui diversas características que o distinguem. A primeira carta de Paulo é tanto prática como instrutiva, mas esta epístola é intensamente pessoal e autobiográfica. De fato, o seu estilo parece ser tão espontâneo e sentimental que há quem questione a sua coerência interna. Por essa razão, faz-se necessária uma palavra sobre a unidade e a integridade autoral da carta.²

-
- 1 Veja a minha introdução à primeira carta em: Daniel R. Mitchell, *1Coríntios*, trad. Doris Körber (Porto Alegre: Chamada, 2022), p. 11-33.
 - 2 Para mais informações sobre o contexto da cidade e sua história ilustre, veja David E. Garland, *2 Corinthians*, The New American Commentary, ed. E. Ray Clendenen (Nashville: Broadman and Holman, 1999); Victor Furnish, *II Corinthians*, The Anchor Bible, vol. 6 (Garden City, NY: Doubleday, 1984); Frank J. Matera, *II Corinthians: A Commentary*, The New Testament Library (Louisville: Westminster John Knox, 2003); Murray J. Harris, *The Second Epistle to the Corinthians*, NIGTC (Grand Rapids: Eerdmans, 2005). Sobre o declínio e o renascimento de abordagens retóricas, particularmente como elas impactam a interpretação e a compreensão do *corpus* paulino, veja Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 46-52. Veja tb. Ben

Autoria, estilo e unidade literária

Desde o final do século XVIII, a análise da alta crítica tem levado muitos a especularem que essa carta pode na verdade ser uma coleção de escritos em vez de uma única carta.³ A disputa geralmente se concentra em se 1.1–2.13 está conectado com o que segue. A passagem 6.14–7.1 parece para muitos completamente fora de seu lugar na atual configuração. Os capítulos 8 e 9, referentes à oferta, são compreendidos como uma unidade independente que foi inserida mais tarde por um redator. E a maior parte dos capítulos 10-13 (excluindo-se 13.11-13 [14]) é vista como muito possivelmente pertencente à “carta severa” a que o autor se refere com frequência.⁴ Estudiosos mais recentes raramente questionam a autoria paulina, mesmo quando questionam se todo o conteúdo foi escrito de uma só vez.

Conquanto cada uma das várias teorias fragmentárias seja única e mereça um estudo cuidadoso em seus próprios termos, todas elas parecem apresentar problemas em comum. Ao colocar o ônus da prova sobre a visão tradicional,

Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995); e os comentários de G. W. Peterman sobre o uso e a limitação da tentativa de decifrar a habilidade retórica de Paulo com sua rejeição ao uso de “eloquência e de palavras persuasivas (1Co 2.1,4)” em “Conflict and Community”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 41 (mar. 1998), p. 146-147.

3 Garland, *2 Corinthians*, p. 33.

4 Para uma discussão abrangente além do escopo do presente estudo, veja Harris, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 1-114; Garland, *2 Corinthians*, p. 33-44; Furnish, *II Corinthians*, p. 27-57. Alguns textos agregam isso ao versículo 13 em vez de ao 14, como na maioria das traduções inglesas. Veja a discussão sobre 13.12b.

elas iniciam com a pressuposição de que o suposto autor, Paulo, não poderia ter escrito a carta em sua presente estrutura de composição. Em seus esforços de *resolver* o problema, afirmam que os redatores fizeram coisas difíceis, se não impensáveis, dada a alta consideração que os cristãos primitivos tinham pelos escritos dos apóstolos. As reconstruções dos críticos exigem cortar e colar as introduções e/ou conclusões de várias cartas individuais (conforme eles supõem ser) e alocá-las em outros lugares a fim de criar uma unidade composicional. É extremamente questionável que os responsáveis pelas coleções mais antigas do Novo Testamento tivessem tomado esse tipo de liberdade. É muito difícil imaginar, por exemplo, Onésimo fazendo algo semelhante. Após ter sido liberto por Filemom, atribui-se ao ex-escravo a fama de ter dedicado muito tempo da sua vida na coleta e organização das cartas de Paulo. Se essa tradição estiver correta, a alocação da sua própria carta ao final da coleção representa um testemunho silencioso da alta consideração que ele tinha pelas cartas de Paulo e a sua própria dívida impagável para com ele.

Garland também levanta a questão da “dificuldade física envolvida”.⁵ As pessoas da época de Paulo não possuíam processadores de texto como temos hoje. Elas tinham pergaminhos. A dificuldade desse procedimento é, em geral, desconsiderada. “Por exemplo: o hipotético fragmento de carta de 6.4–7.1 deveria ocupar ‘aproximadamente uma coluna estreita’. Muito da carta de onde supostamente ele

5 Garland, *2 Corinthians*, p. 39.

procede teria que ser apagado, e essa coluna teria sido inserida no meio de outra carta.”⁶ Como e por que se faria isso é grandemente ignorado. Se mesmo hoje em dia isso não faz sentido para um editor, por que um redator antigo pensaria de forma diferente?

Entre os que questionam a unidade de 2Coríntios estão Alford, Lake, Moffatt, Kummel, Plummer e, mais recentemente, Betz, Koester, Furnish e Davies.⁷ Contudo, seus argumentos são adequadamente refutados por outros, tais como Thiselton, Fee, Barrett, Wallace, Carson, Barnett e a obra anterior de P. E. Hughes. Não há evidência externa que apoie a contestação de que 2Coríntios sempre tenha sido mais do que uma unidade. Os argumentos repousam inteiramente sobre a evidência interna, tais como a mudança de tom nos capítulos 10-13, certas supostas inconsistências em 1-9 comparadas com 10-13 e a conciliação de algumas declarações com a localização geográfica de Paulo na época do registro (10.16). Alguns procuram pela inserção da “carta severa” mencionada acima.⁸ Nenhum dos argumentos de apoio a isso têm grande peso. Nenhum manuscrito existente sugere uma colcha de retalhos de unidades.

6 Ibid., veja tb. Harold J. Ockenga, *The Comfort of God: Preaching in Second Corinthians* (Nova York: Revell, 1944), p. 51.

7 Veja, p. ex., Hans Dieter Betz, *2 Corinthians 8 and 9*, Hermeneia (Filadélfia: Fortress, 1985); Furnish, *II Corinthians*, p. 290; Helmut Koester, *Introduction to the New Testament*, vol. 2 (Berlim: de Gruyter, 1987), p. 53-54; Steven L. Davies, *New Testament Fundamentals* (Sonoma, CA: Polebridge, 1994), p. 89. Para uma refutação cuidadosa dessa tese, veja J. D. H. Amador, “Revisiting 2nd Corinthians: Rhetoric and the Case for Unity”, *New Testament Studies* 46 (2000), p. 92-111.

8 Veja, porém, Furnish, *II Corinthians*, p. 290.

Nenhum escritor da patrística sugere a possibilidade de múltiplos documentos. Além do mais, outros argumentos internos apoiam a continuidade em vez da descontinuidade do texto. A carta é menos formal do que as demais cartas de Paulo. Ela é muito mais emocional, por isso existem mudanças abruptas no pensamento do escritor. Contudo, as divisões principais são claramente perceptíveis. Além disso, Paulo faz referência à visita de Tito a Corinto em 2Coríntios 12.18. A visita não pode ter sido para entregar a carta severa; ao menos, esses capítulos não estão na carta. Thiessen provavelmente estava correto ao sugerir que as mudanças de tom entre os capítulos 1-9 e 10-13 podem dizer respeito ao grupo em particular a que Paulo se dirigia em cada uma dessas seções.⁹ Essa peculiaridade de estilo pode ser demonstrada, não apenas em outras literaturas bíblicas, mas também na literatura secular.

Uma sólida defesa em favor da unidade da carta pode ser apresentada, forte o suficiente para resistir a qualquer tentativa de refutação. O próprio autor se apresenta como Paulo (1.1; 10.1). Os estudiosos conservadores são unânimes em concordar que a autoria paulina da carta é inequívoca, não apenas em conteúdo, mas em estilo e vocabulário. Além disso, seria improvável Paulo defender a sua autoridade apostólica se o texto não fosse autêntico. Não se esperaria de um autor ou de um redator pseudopaulino

9 Henry C. Thiessen, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 210.

a inserção de material que refletisse negativamente sobre a autoria apostólica.

Em virtude do que se conhece sobre o estilo retórico de Paulo, da sua situação complexa em Corinto e do seu estado emocional geral atestado por suas próprias palavras ao longo dessa carta, não parece que existam razões necessárias ou suficientes para se questionar que (a) pode-se muito bem imaginar Paulo escrevendo a carta tal como ela é e (b) não existe evidência inequívoca do contrário. Neste estudo, essas “unidades” serão examinadas à medida que ocorrem no texto. Nem todas as questões serão abordadas, mas a história aqui apresentada sugerirá por que ver o texto como uma unidade detém a melhor evidência interna.

Embora a evidência histórica não seja tão antiga quanto a de 1Coríntios, é quase tão forte quanto ela. A evidência externa sugere que a segunda carta aos Coríntios ainda não havia chegado a Roma no período final do primeiro século (96 d.C.), uma vez que Clemente de Roma não a citou (embora ele tenha citado a primeira carta). Contudo, ela foi citada nas cartas de Inácio e era conhecida de Policarpo de Esmirna (c. 70-155 d.C.), que menciona, além de diversas citações de 1Coríntios, várias passagens de 2Coríntios em sua carta aos filipenses, incluindo 4.14; 6.7; 8.21; e 10.1. Segunda aos Coríntios também é atestada na carta a Diogneto, por Atenágoras, por Teófilo de Antioquia, por Tertuliano, por Clemente de Alexandria, por Ireneu, no Cânon Muratoriano e no cânon de Marcião. Ela também é encontrada na *Vetus Syra* e na *Vetus Latina*, em conjunto com a primeira carta. Ao final do século II, havia pouco

questionamento sobre 2Coríntios tratar-se de um autêntico escrito paulino e ser chancelada com a sua autoridade apostólica.

Alguns têm observado o elemento apocalíptico¹⁰ no livro.¹¹ Por toda a carta, o uso da imagética apocalíptica e escatológica é evidente. Por exemplo: o consolo de 1.3-11 vem do “Deus que ressuscita os mortos” em contraste com o “Dia de Jesus, nosso Senhor” (1.13-14). Os capítulos 3-4 contrastam “os momentos revelacionais-chave na história de Israel”¹² com a insuperável “glória de Deus” (cf. 3.7-18; 4.3-18). Há, é claro, a importante seção no capítulo 5 que trata da ressurreição do corpo (v. 1-10). Mesmo a coleta

-
- 10 Uso o termo “apocalíptico” aqui no sentido do gênero e imagética importados de uma cosmovisão (comum aos autores do Novo Testamento) na qual as realidades natural e sobrenatural interagem com a presente realidade para a concretização do propósito final de Deus.
- 11 Veja, p. ex., Edith M. Humphrey, “Ambivalent Apocalypse: Apocalyptic Rhetoric and Intertextuality in 2 Corinthians”, *The Intertexture of Apocalyptic Discourse in the New Testament*, ed. Duane F. Watson, SBL-Symposium series, vol. 14 (Leiden, Holanda: Brill Academic Publishing, 2002), p. 113-135, 243-263. Embora eu não possa aceitar a sua abordagem do livro, é evidente que ela toca em um tema vital da carta. No Novo Testamento, existe uma interface “real” entre os propósitos e intervenções de Deus nos negócios humanos. Muitos, como, p. ex., Humphrey, atribuem isso ao uso normal do “gênero apocalíptico” no primeiro século, no qual o mundo real de espaço-tempo é “reconfigurado [...] à luz do julgamento divino interveniente no futuro – mas também à luz da salvação passada, presente e futura e à vista da invasão da realidade de outros mundos misteriosos, tanto celestes como infernais” (ênfase no original). Especialmente os evangélicos (e me incluo nisso) reconhecem que no Novo Testamento isso se deve particularmente às promessas de Cristo relativas à sua volta iminente para trazer julgamento e recompensas (p. ex., Mt 24-25; At 1.4-11). Nas cartas paulinas, a iminência dessa promessa transpira repetidamente (cf. esp. 1Ts; 2Ts).
- 12 *Ibid.*, p. 115.

para Jerusalém é discutida em relação ao “dom indescritível” de Deus: Jesus Cristo. Com respeito ao elemento apocalíptico no Novo Testamento comparado com materiais judaicos similares do período, é importante compará-los e contrastá-los.

Certamente é verdade que o *ethos* e a atmosfera do Novo Testamento são diferentes dos da literatura apocalíptica judaica. Contudo, eles são diferentes não porque Jesus e os discípulos tenham rejeitado a apocalíptica, mas porque eles a consideravam como certa. [...] Jesus aceitava as expectativas básicas da literatura apocalíptica – especialmente a vinda do Filho do Homem do céu e a ressurreição dos mortos, no contexto de duas eras – modificando ou transformando-as, e ao mesmo tempo começando a cumpri-las (p. ex., em sua própria ressurreição). Os apóstolos continuaram esse processo de desenvolvimento e cumprimento. Assim, as formas de ensino apocalíptico formam uma ponte do Antigo para o Novo Testamento. Elas nos ajudam a perceber como Deus começou a atuar em Jesus de um modo definitivo, escatológico.¹³

Muito dessa especulação apocalíptica deriva do “alguém como um filho do homem” que “se dirigiu ao Ancião de Dias” e “foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que as pessoas de todos os povos, nações e línguas o servis-

13 Peter Toon, *Heaven and Hell* (Nashville: Nelson, 1986), p. xiii.

sem. O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Dn 7.13-14). Os escritores apocalípticos exploraram as implicações de tal promessa. Foi no cumprimento em Cristo que os escritores do Novo Testamento começaram a compreender a maravilha e as especificidades dessa promessa que se tornaria a “bendita esperança” para todos os que aguardam “a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tt 2.13).¹⁴

PORÇÕES APOCALÍPTICAS DAS CARTAS AOS CORÍNTIOS

Segurança do crente	1Co 1.4-7
Poder da cruz	1Co 1.17-19
O julgamento do trono <i>bêma</i>	1Co 3.10-15; 2Co 5.10-11
Julgamento dos perdidos	1Co 5.13
Destino dos justos e dos ímpios	1Co 6.9-11
A premiação futura pelo serviço a Cristo	1Co 9.24-27
A futura revelação do pleno conhecimento	1Co 13.9-13
Promessa da ressurreição do corpo	1Co 15.12-19,35-50
A ordem da ressurreição	1Co 15.20-28
A ressurreição e o arrebatamento	1Co 15.51-58; 2Co 4.14-18; 5.1-9
O Dia do Senhor Jesus	2Co 1.14 ¹⁵

14 Para uma valiosa síntese das implicações proféticas dessas cartas, veja tb. Tim LaHaye e Ed Hindson, eds., *The Popular Bible Prophecy Commentary* (Eugene, OR: Harvest House, 2006), p. 404-418.

15 Ibid.

Contexto, propósito e argumento

Victor Furnish observa que, junto com a primeira carta canônica enviada à antiga cidade de Corinto, temos “o retrato mais vívido e informativo que jamais teremos do ministério do apóstolo”.¹⁶ Ele assim elabora:

Isso ocorre em parte porque as suas cartas a Corinto oferecem consideráveis detalhes sobre a congregação coríntia e o seu contínuo relacionamento com ela. Paulo menciona o nome de vários membros daquela igreja, responde às cartas que lhe enviaram, reage aos relatórios que recebeu a respeito dela e trata de assuntos importantes tanto para a sua vida congregacional quanto para a missão em geral. Além disso, por causa da significativa importância política e econômica de Coríntio na época do apóstolo e de um século inteiro de cuidadosa escavação arqueológica no local, pudemos conhecer uma considerável quantidade do contexto social de seu ministério ali. Isso confere tanto cor como contexto ao retrato do ministério apostólico de Paulo. Por fim, as cartas aos coríntios, mais do que qualquer outra das cartas paulinas, apresentam o apóstolo engajado na dupla tarefa em que ele mais apaixonadamente se envolveu: a proclamação da verdade do evangelho e a orientação dos

16 Victor Furnish, “Paul and the Corinthians: The Letters, the Challenges of Ministry, the Gospel”, *Interpretation* 52, n° 3 (jul. 1998), p. 229-245.

crentes ao discernimento do impacto do evangelho em sua vida diária.¹⁷

Segunda aos Coríntios foi escrita para a comunidade fundada por Paulo em sua segunda visita à cidade. Desde a sua partida e subsequente ministério em Éfeso, ele foi informado dos problemas que os afligiam e dos inimigos que tentavam sabotar a sua obra. Os problemas continuavam a piorar, a despeito dos seus esforços na primeira carta.¹⁸

A oposição ao ministério de Paulo continuou a aumentar, provavelmente vinda de um partido que se associava a “Cristo” (cf. 1Co 1.12; 2Co 10.7; 11.3-4,13,23). O líder desse grupo parece ter sido especialmente detestável ao escritor (10.7-11). Quando as notícias desse problema o alcançaram em Éfeso, ele fez uma breve visita à cidade a fim de tratar disso (cf. 2.1; 12.14,21; 13.1-2). Foi nesse período que a vingança pessoal contra o próprio apóstolo Paulo aconteceu. Após retornar a Éfeso, Paulo estava tão desgastado que escreveu uma carta à igreja de natureza tão severa que, mais tarde, ele se arrependeu de tê-la escrito (2Co 7.8). Ela foi entregue aos coríntios por Tito (2.3-4,9; 7.8-12). Parece que essa carta se perdeu completamente. Embora alguns, conforme acima observado, sugiram que essa carta foi preservada em 2Coríntios 10-13,¹⁹ a teoria é

17 Ibid., p. 229.

18 Para uma discussão mais elaborada dos fatores históricos, sociais e pessoais relativos à fundação e ao desenvolvimento da igreja em Corinto, veja novamente a minha introdução à primeira carta, *1Coríntios*, p. 11-33.

19 Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians* (Nova York: Scribner, 1915), p. xviii-

improvável.²⁰ As acusações apresentadas contra ele por esse grupo estão indicadas em certas passagens na carta.

ACUSAÇÕES ENCONTRADAS EM 2CORÍNTIOS	
Acusações dos coríntios contra Paulo	
Inconstante	2Co 1.17
Autoritário	2Co 1.24
Ministra sem as devidas credenciais	2Co 3.1
Covardia	2Co 10.1,10
Fracasso em manter a dignidade clerical adequada	2Co 11.7
Presunção	2Co 10.13-17
Carnalidade	2Co 10.2
Acusações de Paulo contra os coríntios	
Corrupção da Palavra	2Co 2.17
Engano	2Co 3.1
Judeus disfarçados de ministros de Cristo	2Co 11.23-27
Opressão	2Co 11.20
Arrogância	2Co 11.21
Falta de coragem espiritual para darem um passo por sua conta e iniciarem seu próprio ministério	2Co 11.23-27

-xxxvi. Veja tb. Furnish, *II Corinthians*, p. 30-48.

20 Deve-se observar que isso não questiona o cânon das Escrituras. Apenas argumenta que existiram cartas escritas pelo apóstolo que, em razão de terem se perdido, não cumprem o critério normal de Escritura inspirada.

A carta é completamente pessoal e autobiográfica. Contudo, o leitor não pode evitar ficar espantado com os termos que Paulo achou necessários para descrever a sua situação e circunstâncias. Isso inclui “tribulação”, “angústia”, “açóites”, “perigos”, “jejuns”, “lutas”, “trabalhos e fadigas”, “insultos”, “perseguições”, “tristeza”, “açóitado com varas”, “sofrimentos”, “lágrimas”, “tumultos” e “fraqueza”.²¹ Ao expressar suas preocupações, estado de espírito e o coração excessivamente devastado por aquelas pessoas que Deus havia designado para estarem debaixo do seu pastoreio, ele expõe o seu coração, oferecendo um testemunho convincente daquilo que se poderia esperar de um pastor que se ergue para estender a graça salvadora de Deus a um povo por vezes ingrato, inconstante e imaturo. Poucos podem reivindicar, com Paulo, terem perseverado tanto. Não obstante, é por esse motivo que essas cartas se tornaram tão instrutivas e valiosas para as igrejas de todas as culturas e eras desde o momento em que foram escritas.

Tito deveria entregar a “carta severa” e retornar para dar a Paulo o relatório com a reação dos coríntios e o subsequente desenvolvimento. Contudo, Paulo precisou deixar Éfeso antes do combinado por causa da revolta dos ourives (cf. At 20.1). Ele parou em Trôade e aparentemente envolveu-se em um esforço evangelístico bastante frutífero na cidade. Tito, no entanto, demorou-se mais do que o extenuado e impetuoso apóstolo podia suportar. Ele interrompeu o seu ministério em Trôade e cruzou a Ma-

21 *Scofield Reference Bible*, p. 1252.

cedônia, esperando encontrá-lo em algum ponto da via Egnácia, a maior estrada que ligava as principais cidades macedônias ao longo da costa. Foi, então, com enorme alívio que Paulo recebeu o relatório de Tito de que eles haviam se entristecido genuinamente pela carta severa (7.9), que haviam tratado com o ofensor (2.6-8) e que a maioria dos coríntios era realmente leal ao apóstolo como ele suspeitava desde o começo (7.14), e o próprio Tito havia desenvolvido uma nova apreciação por essa comunidade (7.15). Não é de surpreender, então, nos primeiros sete capítulos de 2Coríntios, ver o escritor se derramando em ações de graças a Deus e encorajado pelo progresso que a igreja vinha fazendo. Assim, ali mesmo, na Macedônia, ele imediatamente se sentou e escreveu 2Coríntios (2.3; 7.5-7; 8.1; 9.2-4), provavelmente da cidade de Filipos.

A identidade dos oponentes de Paulo contra quem ele tinha tanto a dizer em sua carta é importante em termos da compreensão do pano de fundo da epístola, mas também em termos da compreensão do seu argumento. Com relação à identidade desses antagonistas, os estudiosos têm proposto várias possibilidades, incluindo os judeus gnósticos, os judeus helenísticos que reivindicavam, falsamente, serem ministros de Cristo, ou judaizantes palestinos que demandavam ser mais fiéis aos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos (especialmente de Pedro) do que o alegado intruso, o “apóstolo aos gentios”.²² A despeito de algumas

22 Veja, p. ex., R. Bultmann, *The Second Letter to the Corinthians*, trad. Roy A. Harrisville (Mineápolis: Augsburg, 1985), p. 146-167 (perspectiva gnóstica); Dieter Georgi, *The Opponents of Paul in Second Corinthians*

das dificuldades com a visão tradicional (que os principais antagonistas eram judaizantes palestinos), esta parece receber o maior apoio das evidências do próprio texto. A referência aos “hebreus” (11.22; cf. Fp 3.5) diz respeito aos judeus étnicos procedentes da Palestina. A insinuação de 5.16 é que havia alguns que inventavam algo sobre o seu conhecimento pessoal prévio do próprio Jesus (cf. tb. 11.23). Eles reivindicavam ser israelitas, descendentes de Abraão (11.22). O “evangelho” deles não era o mesmo pregado por Paulo (11.4; cf. Gl 1.6-9). Embora não possam ser exatamente identificados com aqueles citados em Gálatas e Colossenses (Gl 6.12-13; Cl 2.16), é evidente que eles tentavam submeter os crentes coríntios à Lei de Moisés (3.1-11) e eram esses que Paulo, da sua perspectiva, considerava como judaizantes. Não podemos nos esquecer de que os problemas de Paulo com a comunidade judaica iniciaram-se quando ele “sacudiu as roupas” contra eles e declarou: “Que o sangue de vocês caia sobre a cabeça de vocês!” (At 18.6). O seu antigo líder, Crispo, então ofereceu a sua casa como lugar para as reuniões, bem ao lado da sinagoga! Muitos ficaram furiosos com o desenrolar dos eventos. Mais tarde, quando tentaram arrastar Paulo à presença de Gálio no tribunal do *bēma*, Gálio os expulsou da corte por trazerem o que considerava uma querela religiosa frívola

(Filadélfia: Fortress, 1986), p. 5 (judeus helenísticos); C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians* (Nova York: Harper and Row, 1973), p. 30 (judaizantes). Esta última perspectiva é amplamente considerada como estando em oposição aos Doze (Plummer) ou sob a autoridade dos Doze (Baur). Veja Randall C. Gleason, “Paul’s Covenantal Contrasts in 2 Corinthians 3:1-11”, *Bibliotheca Sacra* 154 (jan.-mar. 1997), p. 64-65, n. 15.

la perante ele, fechando os olhos para o subsequente abuso dos judeus pela multidão. O novo líder deles, Sóstenes, que assumiu o lugar de Crispo na sinagoga, foi escolhido na ocasião para sofrer um espancamento especialmente cruel. Para piorar as coisas, ele mais tarde foi levado a Cristo e se tornou secretário particular de Paulo. Não é de admirar que eles tivessem problemas com Paulo! Apenas em sua ausência é que poderiam esperar ganhar alguns pontos contra o seu inimigo indomável.

Gleason resume o modo pelo qual eles se insinuavam naquela assembleia disfuncional de Corinto, erguendo um cerco para o evangelho da graça.

A recepção deles por parte da igreja de Corinto pode ser compreendida como o partido de “Cristo”, que eles, como “ministros de Cristo” (10.7; 11.2-4,23), promoviam e perpetuavam. Sua depreciação da autoridade apostólica de Paulo e insistência acerca da Lei Mosáica também devem ter sido bem recebidas pelo partido de “Cefas” (1Co 1.12; 3.22; 9.5), que inscreveu Pedro como o principal dos apóstolos e que, como Pedro, pode ter se inclinado à conformidade com a Lei judaica (Gl 2.11-14). Eles também podem ter ficado impressionados com as cartas de recomendação vindas de Jerusalém, o centro do ministério de Pedro.²³

23 Gleason, “Paul’s Covenantal Contrasts in 2 Corinthians 3.1-11”, p. 65-66.

O problema que ele enfrentava era muito maior do que a questão de liderança. Tinha a ver com “se as igrejas desenvolveriam uma seita judaica bizarra com uma teologia perversa centrada no homem Jesus, uma comunidade necessariamente fadada ao esquecimento. Em outras palavras, seria o evangelho da graça de Deus, essencialmente a chave para a liberdade do pecado, morte e inferno – e dos grilhões da antiga aliança – sequestrado por um formato obsoleto de sinagoga que consistia em apenas aparência externa?”.²⁴

Conforme os expositores da Bíblia têm reconhecido por séculos, o argumento de 2Coríntios flui em três trajetórias – que às vezes se misturam entre si. O escritor as apresenta como coordenadas múltiplas de uma preocupação única em trazer à compreensão dos seus leitores o que Deus havia orientado a ele (o apóstolo) e a eles (a igreja) em termos do evangelho da graça. Essas “trajetórias” representam três “direções” para as quais o escritor aponta os seus pensamentos – às vezes “armas”. Embora essas se agrupem de forma variada nas três principais divisões do texto, não devem ser entendidas como “propriedades” exclusivas de diferentes círculos ou audiências. A carta inteira é um todo composicional tal como ela se apresenta. Pode ser útil se o intérprete imaginar Paulo mais como um treinador desafiando os seus jogadores do que um orador preparando um discurso muito polido – ou, como alguns entendem, vários discursos. Ele os chama para “dar um tempo”, e o time se aproxima dele.

24 Peter Naylor, *2 Corinthians*, vol. 1, caps. 1-7 (Darlington, Inglaterra: Evangelical, 2002), p. 38.

Ele tem um planejamento de como vencer o jogo, mas alcançar a vitória exigirá que cada um deles se una ao outro como um time. Como em sua primeira carta, ele os exorta, repreende, corrige e instrui – mas um de cada vez. Então, o “padrão” da carta não é tão dirigido por uma única proposição como o é pelas circunstâncias e indivíduos a quem, por sua vez, o escritor dirige os seus pensamentos.

HONRANDO AQUELES QUE MINISTRAM O EVANGELHO	
Respeito a ser concedido	Referência
O trabalhador é digno do seu salário	Lc 10.7; 1Tm 5.18
Prestar honras e prover às suas necessidades	At 28.10
Honrar quem o ajuda a crescer espiritualmente	1Co 9.2
Quem nos alimenta espiritualmente é digno de receber apoio material	1Co 9.11
Quem proclama o evangelho deve receber provisão para viver dele	1Co 9.14
É vergonhoso não elogiar alguém digno de respeito	2Co 12.11
Somos chamados a compartilhar todas as coisas boas com eles	Gl 6.6
Apoiar e suportar quem cuida do seu estado espiritual	Fp 2.20-22,29
Observar aqueles que servem entre nós, honrá-los e amá-los	1Ts 5.12-13
Os que lideram bem devem ser dignos de pagamento dobrado	1Tm 5.17
Honrar é imitar o seu bom procedimento	Hb 13.7

Isso inclui (1) a primeira trajetória: Paulo saúda a igreja e apresenta uma defesa pessoal de suas intenções e ações. Ele oferece uma explicação de sua conduta (1.1–2.17), seu chamado (3.1–6.10) e, finalmente, seu desafio (6.11–7.16). (2) A segunda trajetória se relaciona à generosidade da igreja macedônia e à coleta para Jerusalém (8.1–9.15). Isso não tem a ver apenas com coletar dinheiro. Alguém disse muito sabiamente que dois livros revelam onde o coração de uma pessoa está – a sua agenda e o talão de cheques. Então, esse é um teste para o coração dos seus leitores. A resposta deles ao seu apelo revelará o verdadeiro compromisso deles, tanto com Paulo como com a igreja. (3) Finalmente, Paulo reitera a sua autoridade apostólica (10.1–13.13). Antes que alguém pensasse que a sua autoridade apostólica era usurpada, o apóstolo deixa claro que seus dons e chamado não eram uma invenção dele, mas que ele apenas estava obedecendo à visão celestial (cf. At 26.9-20; Fp 3.3-14). Se eles eram obedientes a Deus, deveriam arrepender-se, reconhecer e respeitar aqueles a quem Deus enviara (cf. 12.12; 13.5), e então o resultado seria a edificação, não a destruição (13.10). Essa seção final é uma das mais incomuns de se encontrar nos escritos paulinos. Nela, ele “faz o papel de tolo” a fim de responder aos tolos. No que só pode ser descrito como uma paródia expandida (de si mesmo), ele mostra aos seus inimigos quão impostores eles realmente eram.

Assim, essas três seções da carta lidam respectivamente com, primeiramente, o *passado* imediato, em conjunto com a defesa do escritor do seu ministério em Corinto.

Então, existe uma questão da *presente* demanda da participação na assistência das necessidades práticas da igreja de Jerusalém. Finalmente, há um olhar para o *futuro* próximo, quando Paulo antecipa, em sequência, a sua visita pessoal a Corinto – uma visita carregada de incertezas, conforme revelam os capítulos 10-13. Contudo, embora o seu apelo à igreja e a defesa de seu próprio ministério sejam pessoais, o que está em jogo é a verdade do evangelho. À medida que Paulo batalha para defender sua integridade, ele o faz para silenciar os seus inimigos e acabar com qualquer dúvida a respeito da sua mensagem relativa à graça salvadora de Deus na obra completa de Jesus Cristo. O capítulo 3 pode muito bem ser considerado o manifesto de Paulo referente à superioridade da nova aliança sobre a antiga. Ele rivaliza com Hebreus 8–10 em importância com respeito ao relacionamento da obra de Cristo e as promessas da nova aliança feitas a Jeremias e a Ezequiel. Paulo precisaria retomar o tema novamente – por exemplo, em sua carta aos Gálatas, mas é aqui que ele lança o desafio perante aqueles que impuseram um cerco ao evangelho da graça.

PARTE I
DEFESA PESSOAL

2Coríntios 1-7

1. SAUDAÇÕES DE PAULO E TIMÓTEO

2Coríntios 1.1-2

Boas notícias! Paulo se inclina para a frente, interessado em ouvir cada palavra vinda do seu pupilo. Tito acabara de chegar de Corinto, e, embora tivessem combinado de se encontrar em Trôade, o seu mentor e amigo não conseguiu esperar até que ele chegasse. O tumulto em Éfeso obrigara Paulo a deixar a cidade (At 19.21-41), e ele viajou até Trôade para aguardar o navio que traria Tito de Neápolis. Ainda assim, a despeito dos grandes frutos resultantes da obra ali, Paulo não conseguiu deixar de pensar na situação de Corinto. Ele sabia que poderia encontrar Tito ainda a caminho; então, cruzou o mar Egeu e se dirigiu ao sul pela Macedônia, percorrendo a via Egnácia. Eles devem ter se encontrado perto de Filipos. “Conte-me tudo!” O apóstolo, impaciente, mal deve ter dado algum tempo para Tito recobrar o fôlego (2Co 7.5-7). Quando Tito começou a falar, Paulo parecia tenso – seu maxilar estava travado. Ele inclinou a cabeça para encontrar o olhar animado de seu companheiro. Seus punhos estavam cerrados. Paulo revivera inúmeras vezes a sua “carta severa” enquanto esperava impaciente por seu retorno. Teria ele sido muito duro? Teria piorado as coisas? O que Paulo deveria fazer se a igreja não reagisse conforme ele esperava? Ele se sentira um tolo por eles lhe terem feito tais exigências. Como puderam? Como, então, ele poderia lhes demonstrar que ele era genuíno?

As notícias eram animadoras. A cabeça bronzeada de Paulo brilhava ao pôr do sol enquanto ele a balançava em aprovação. Também podiam ser percebidos lampejos intermitentes de ira. Tito conhecia aquele olhar e se sentia grato por nunca ter recebido um. Mas, então, o velho pareceu derreter. Ele bateu palmas e ergueu os braços, bastante animado. “Tito, traga os meus pergaminhos e uma pena!” Por fim, ele se sentou e começou a escrever. Mas, diferentemente de suas cartas anteriores a Corinto, essa iniciou com uma nota positiva. Sua obra entre eles finalmente começara a dar frutos. Então, ele começou.

Comissionado e chamado (1.1)

Foi contra a autoridade de Paulo como alguém chamado por Deus e enviado por Cristo que ele havia sido denunciado como um impostor. Ele começou de modo característico, estabelecendo a sua autoridade e seu comissionamento – “Paulo, apóstolo” (v. 1; cf. Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1). Esse ministério lhe foi designado por “Cristo Jesus pela vontade de Deus” (v. 1). Paulo dá como certo que ele cumpre quaisquer requisitos para o “ofício” do apostolado. Não é usurpação, mas obediência ao chamado de Deus. Aquelas pessoas precisavam ser lembradas desse fato. O que é importante observar com respeito ao termo “apóstolo” é que ele significa mais do que um título de honra (embora essa seja uma nuance claramente presente no Novo Testamento e não inteiramente ausente aqui também); contudo, é a sua missão que ele deseja real-

çar em sua carta. No uso do grego clássico, *apostolos*, como “delegado”, e *aggelos*, como “mensageiro”, eram distintos. *Apostolos*, conforme Paulo usa aqui, já está condicionado pela relação ao termo na igreja primitiva. Os doze que estiveram com o Senhor foram comissionados para irem por todo o mundo e pregarem o evangelho a toda criatura (Mt 28.19-20). Quando Paulo emprega o termo com relação a si mesmo, tem em mente essa ordem do seu Senhor – e certamente os leitores não deveriam se esquecer de que só receberam o evangelho porque ele obedecera àquele chamado. Ademais, é exatamente a esse ponto que ele retorna repetidas vezes na carta, uma vez que havia alguns que o estavam desafiando em seu direito de falar dessa maneira.²⁵

Muito se fala em estudos recentes sobre o lugar do *poder* na igreja primitiva. Sem dúvida, nessas duas cartas aos coríntios, essa questão é mais predominante do que em todos os outros escritos de Paulo.²⁶ Seria um equívoco, contudo,

25 Veja J. C. Lambert, “Apostle”, *ISBE*. Com relação à tendência de restringir o termo “apóstolo” a um círculo íntimo especial, Lambert observa: “Se existia uma tendência desse tipo, Paulo a quebrou efetivamente pela vindicação do seu direito ao nome. Sua reivindicação aparece na pressuposição do título apostólico nas palavras de apresentação da maioria de suas cartas. E, quando o seu direito foi desafiado, ele o defendeu com paixão e especialmente sobre estas bases: ele havia visto Jesus e, assim, estava qualificado a dar testemunho da sua ressurreição (1Co 9.1; compare com At 22.6ss); ele recebera o chamado para realizar a obra de um apóstolo (Rm 1.1; 1Co 1.1 etc.; Gl 2.7; compare com At 13.2ss; 22.21); mas, acima de tudo, ele podia apresentar os sinais e selos do apostolado providenciados pelo seu trabalho missionário e seus frutos (1Co 9.2; 2Co 12.12; Gl 2.8). Foi com esse último fundamento de apelação que Paulo convenceu os apóstolos originais da justiça de sua reivindicação [...] (Gl 2.8)”.

26 Veja, p. ex., Alexandra R. Brown, “The Gospel Takes Place: Paul’s Theology of Power-in-Weakness in 2 Corinthians”, *Interpretation* 52, nº 3 (jul.

sugerir que isso tem mais a ver com o seu “direito” de exercer autoridade²⁷ do que com sua “obrigação” de fazê-lo em obediência ao chamado divino (1.21-22; cf. 2.17; 3.4).

A GRANDE COMISSÃO NAS CARTAS PAULINAS	
Comissão específica	Referência
Exortação a seguir o exemplo de Paulo no seu cumprimento	1Co 4.16
Chamado a imitar Cristo perante os outros	Fp 3.17
Súplica para andar de modo digno do chamado de Deus	1Ts 2.11-12
Recomendação para transmitir essa comissão a outros	2Tm 2.2

Muitas igrejas têm demitido pastores dedicados e obedientes, pensando ser elas que os haviam convidado para ocupar o púlpito. Muitos pastores desgastados têm se tornado presas das exigências irreais de gente assim. Ambos precisam observar esse pastor do primeiro século quando se levanta a questão sobre “quem” chamou antes. Paulo compreendia que era pelo bem das almas perdidas de Corinto que ele fora chamado, mas que não foram elas que o convocaram. Fora Deus. Então, eles não tinham o direito de lhe ditarem as regras. Paulo estava obrigado a obedecer àquele que o havia chamado. É claro que ninguém poderia esquecer daquele chamado extraordinário em Atos 16.9, quando Paulo teve a visão de um homem da Macedônia

1998), p. 271-285.

27 P. ex., Elizabeth Castelli, *Imitating Paul: A Discourse of Power* (Louisville: Westminster John Knox, 1997), p. 89-119.

que lhe suplicava: “Passe à Macedônia e ajude-nos”. Foi em obediência a essa visão celestial que Paulo se tornou o primeiro missionário apostólico a levar o evangelho à Europa.

Um segundo ponto crítico deve ser acrescentado. Quando pensamos a respeito do ministério e chamado de Paulo, devemos também incluir as suas cartas. Inspiradas pelo Espírito Santo, elas oferecem instrução que os leitores modernos desafiam ou ignoram por sua própria conta e risco. Hoje em dia, é muito comum desafiar os escritores bíblicos (especialmente Paulo) como se os seus escritos refletissem pouco mais do que uma opinião pessoal, tendência ou cultura distorcida da qual eles faziam parte. Quando se escreve sob a inspiração do Espírito Santo, aquilo que sai da pena do escritor é *normativo*. Ou seja, representa a verdade eterna que deve ser crida mesmo quando não é totalmente compreendida ou aceita pela cultura em geral. A verdade, como se afirmou corretamente, é descoberta. Ela não é criada. Posteriormente, Paulo terá muito mais a dizer acerca da questão da verdade e da comunidade.

“Timóteo” (v. 1). Esse companheiro de Paulo não é mencionado na introdução a 1Coríntios como acontece aqui. Possivelmente isso aconteceu porque Timóteo já havia sido enviado a Corinto (1Co 4.17; 16.10). A menção feita aqui indica que ele já havia se reunido ao apóstolo, prestado o seu relatório referente às questões de Corinto e viajado com ele de Éfeso para a Macedônia. O autor se apresenta como o “apóstolo”. Ele apresenta o seu amigo e companheiro, conhecido de seus leitores, como o “irmão”. Essa apresentação, de forma muito hábil e diplomática, coloca sobre

Paulo toda a responsabilidade do que viria a seguir – não sobre Timóteo. Ao mesmo tempo, ao incluir o amigo deles e seu na saudação de abertura, Paulo está encorajando seus leitores a oferecerem ao seu jovem filho na fé o mesmo respeito que eles lhe demonstrariam.

Aos santos de Corinto (1.1)

A carta é principalmente endereçada “à igreja de Deus que está em Corinto” (v. 1). Isso se dirige diretamente à comunidade local. Que havia também a intenção de ser uma carta circular lida por outras assembleias “indiretamente”²⁸ está implícito pelo fato de que ele também se dirige a “todos os santos em toda a Acaia” (v. 1). A menção engloba no mínimo os cristãos que estavam em Atenas (cf. At 17.34) e em Cencreia, o porto oriental de Corinto (cf. Rm 16.1). “Santos” (v. 1) evoca à mente aqueles que haviam sido separados por Deus e que caminhavam em novidade de vida (cf. Rm 1.7; 1Co 1.2; 6.11; 2Co 5.17). *Hagioi*, “santos”, é uma expressão comum no Novo Testamento que se refere ao povo de Deus – não tanto como indivíduos quanto acerca do povo de Deus em geral. No Novo Testamento, isso é caracterizado por sua associação com Cristo. O que é importante observar aqui é que o uso desse termo não fala tanto sobre o(s) grau(s) de moralidade ou o caráter santo dos indivíduos a quem o termo se aplica. Antes, ele tem

28 Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments*, vol. 2 (Hartford: S. S. Scranton, 1872), p. 299.

em mente a reivindicação soberana de Deus sobre eles. Isso também vale para o uso de *qadhosh* no Antigo Testamento, mas é um ponto importante frequentemente esquecido por aqueles que são dados a um cristianismo “baseado no desempenho”. Quando a Escritura fala sobre o povo de Deus como “sagrado” ou “santo”, ela está falando sobre a iniciativa de Deus em reivindicá-lo e consagrá-lo para o seu uso. Ela não se refere a certo nível de realizações atingido por uns poucos seletos que agora ocupam um lugar especial na igreja ou no céu. Também é importante observar que espera-se que pessoas consagradas dessa forma a Deus demonstrem o seu estado de santidade com obras que “conv[ê]m aos santos” e que se abstenham de obras que não convêm (Rm 16.2; Ef 5.3).

É importante dar atenção a como o escritor faz uso do termo *ekklēsia*. Nas cartas de Paulo, o termo pode se referir a um grupo de cristãos reunidos para adorar (1Co 11.18; 14.19,28,35). Ele se refere à totalidade de crentes em uma dada região (Rm 16.1; Cl 4.16; Gl 1.2,22). Pode ser utilizado para falar do corpo universal de crentes (1Co 12.28; 15.9; Gl 1.13; Ef 1.22; 3.10; cf. At 9.31; 20.28). O que é especialmente importante a se notar aqui é que, quando Paulo usa o termo *ekklēsia* para a assembleia de Corinto, ele sugere que nessa cidade a totalidade da igreja está representada. Citando Schmidt, Ladd concorda que “a igreja universal não é considerada como a totalidade de todas as igrejas locais; ao contrário, ‘cada comunidade, ainda

que pequena, representa a comunidade total, a Igreja”.²⁹ Barrett também observa: “Em 2Coríntios, a palavra igreja (*ekklēsia*) não ocorre com tanta frequência: nove vezes ao todo. Em outras oito passagens (8.1,18-19,23-24; 11.8,28; 12.13) ela é usada no plural – uma clara indicação de que, no mínimo nesse estágio de sua carreira, o sentido primário da palavra para Paulo era o de uma comunidade cristã local, embora também fique evidente que os grupos locais estivessem associados (p. ex., ‘todas as igrejas’, 11.28)”.³⁰

A expressão paulina “de Deus” antecipa o versículo 3. Quando os primeiros cristãos adoravam, eles concediam a mesma honra tanto a Deus (o Pai, Javé) como ao Senhor Jesus Cristo. Não havia separação de identidades: “Para nós, porém, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas existem e por meio de quem também nós existimos” (1Co 8.6). Assim, as “igrejas de Cristo” (encontrado apenas em Rm 16.16) são as igrejas “de Deus” (aqui e nas demais referências em Paulo; cf. Gl 1.13; 1Ts 2.14; 2Ts 1.4). Com respeito ao sentido disso, Sabourin observa: “Embora não exista identificação pessoal entre Cristo e Javé, [também não] há nenhuma dispersão da fé”.³¹ As implicações são importantes para aqueles que se representavam como o partido de “Cristo” (cf. 1Co 1.12-

29 G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 582. Veja tb. K. L. Schmidt, “*ekklēsia*”, *TDNT*, 3:506; Harris, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 133.

30 Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians*, p. 55.

31 Leopold Sabourin, *The Names and Titles of Jesus*, trad. Maurice Carroll (Nova York: Macmillan, 1967), p. 300.

13) e que continuavam a fomentar divisões nessa igreja. Aqueles que adoram a Cristo não abandonam o Deus do Antigo Testamento. Foram precisamente textos como esses que levaram os cristãos a ponderarem sobre o mistério do relacionamento trinitariano.

A referência a Deus como “Pai” é característica do retrato do Novo Testamento. Jesus ensinou os crentes a orarem ao “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6.9). E ele disse aos seus discípulos para não se preocuparem em ter alimento para comer, roupas para vestir ou um lugar onde dormir, porque o Pai celestial é quem provê a todas as necessidades dos pássaros no céu e certamente tem maior cuidado para com as pessoas (Mt 6.26).

Graça e paz (1.2)

“O crescimento espiritual perceptível na vida de não poucas dessas pessoas era, no mínimo, muito pequeno. Como é significativo, então, observar a pressuposição do autor de que, não obstante os seus problemas, os coríntios não deixariam de experimentar a graça e a paz de Deus, o Pai, e de Deus, o Filho!”³² A saudação no versículo 2 é típica. Pelo menos desde Tertuliano, o padrão de saudar com “graça” no mundo greco-romano era conhecido como correlato à saudação padrão judaica *shalom*, “paz”.³³ Quer seja intencional quer não, isso certamente conecta o Deus do Antigo

32 Naylor, *2 Corinthians*, vol. 1, p. 50.

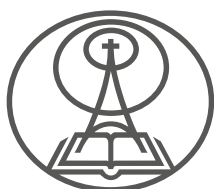
33 Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 63.

Testamento com o dos cristãos do Novo Testamento (veja o comentário acima sobre “Pai”). Para os convertidos gentios de Paulo, tal conexão é crucial. Não é por acaso que ele conclui essa carta fazendo nova e similar referência à graça, ao amor e à paz de Deus (cf. 13.11-13). Na soteriologia de Paulo, também é verdadeiro que a graça sempre precede a paz. Até que tenhamos recebido a graça de Deus, não podemos conhecer nada a respeito da sua paz. Graça é o amor de Deus que o capacita a derramar o seu infinito favor sobre aqueles a quem amou sem receber nada em troca. Isso não exige mérito algum e não implica qualquer obrigação. A graça é estendida a toda a humanidade pela obra de Jesus Cristo na cruz, o que, *per se*, torna o amor de Deus disponível a todos (1Jo 2.2). Qualquer coisa que se interponha entre a *provisão* da graça de Deus e o *poder* da graça de Deus é blasfêmia (cf. o tratamento dado por Paulo ao legalismo em Gálatas). A paz é subsequente e ela é acrescentada porque a graça de Deus foi recebida pela fé. Não há nada que ofereça tal paz tanto quanto o puro evangelho da graça (cf. Ef 2.14; Fp 4.7; Cl 1.20; 3.15) “de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (v. 2). A preposição simples (grego, *apo*) liga o Pai e o Filho em uma união inviolável, afirmando assim a inequívoca divindade de Cristo. A referência é ao Pai eterno e ao Filho encarnado (cf. tb. 13.13).

Aqueles que trazem, com grande agonia no coração, perante o trono da graça, os nomes de entes queridos recalci-trantes, membros que se desviaram da igreja e líderes car-nais são lembrados por esse texto que, se aqueles por quem intercedem realmente nasceram de novo, “o Senhor ainda

os ama e os guarda. Eles nunca poderão ser separados da paz celestial. A graça de Deus é abundante”.³⁴

34 Ibid.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

QUAL É A SUA ESTRATÉGIA DE VIDA?

Da mesma forma que um orador motivacional ou um técnico no vestiário durante o intervalo, Paulo escreve aos cristãos coríntios como um amigo, mentor e apóstolo. Quando outros estavam tentando manipulá-los como uma seita do judaísmo, negando-lhes o evangelho da graça, vemos a paixão e o zelo de Paulo mais aparentes nesta carta do que em qualquer outro de seus escritos.

Hoje, a luta não é para que o cristianismo seja diferente do judaísmo, mas para que ele seja diferente em meio ao caldeirão de religiões do mundo. Aquilo que nos separou, a graça de Deus ao enviar seu Filho para morrer na cruz, está sofrendo pressão de todos os lados.

Paulo declarou as verdades do evangelho, mas outros vieram a Corinto depois dele e procuraram minar tudo o que ele tinha ensinado. Os cristãos em Jerusalém precisavam desesperadamente de ajuda. Falsos mestres afirmavam que Paulo nem apóstolo era! Rumores e meias-verdades eram retóricas comuns. A fim de proteger a verdade, Paulo precisava defender o chamado que recebeu de Deus e todas as coisas que suportou por causa daquele chamado.

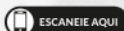
Daniel Mitchell traz as palavras de Paulo à luz, desafiando cada crente a defender a verdade, cuidar dos necessitados e trabalhar junto com outros em unidade para alcançar o objetivo de apresentar Cristo a um mundo carente.



BÔNUS:

QUESTÕES PARA ESTUDO

Acesse gratuitamente no QR Code ou em www.chamada.com.br/2corintios-estudo e baixe esta ferramenta para seu estudo pessoal ou em grupo.



ISBN 978-65-89505-21-1



9 786589 505211